



DEPOIMENTO

Petterson Molina Vale ¹
Doutorando em *Develop. Studies*
London School of Economics and
Political Science

LEP 2008-2009: a re-ressurreição

A minha primeira reunião como integrante da LEP, em meados de março de 2008, foi marcada por clima de otimismo. O então grupo de editores, com aproximadamente seis membros, acabava de ressuscitar a revista, que passara quase dois anos sepultada em algum dos belos bosques do Instituto de Economia (IE) da UNICAMP. Tatiana Belanga, Bruno Aidar, Rodrigo Leão, Luis Borges, e outros, exalavam satisfação com a recém publicação da 12ª edição da revista. Não sem razão, eu viria a descobrir, pois antes daquela apenas quatro edições haviam sido publicadas em toda a década dos 2000, frente a sete entre o lançamento da revista, em 1995, e 2000.

“Sem trocadilhos, chegamos à edição número 13 da LEP com muita sorte”, dizia o editorial² de mais uma revista impressa e distribuída com sucesso por aquele mesmo grupo, esclarecendo ao público que a maior ameaça à perenidade da LEP – como à de qualquer outra organização estudantil –, era a alta rotatividade dos integrantes. Por isso, desde a segunda metade de 2008 eu me preocupei em atrair novos editores, tendo tido sucesso somente quando, no fim de 2009, já restavam poucas esperanças.

A resistência da maior parte dos estudantes de pós-graduação do IE à participação na revista sempre foi para mim um verdadeiro

(1) Economista, foi editor da LEP entre março de 2008 e março de 2010. Concluiu o Mestrado em Desenvolvimento Econômico na Unicamp em julho de 2010.

(2) Talvez a parte da revista que viria a ser mais comentada, pela elegância com que foi redigida pelo Bruno Aidar.

enigma. A maioria daqueles que decidem fazer Mestrado e Doutorado na Unicamp têm claras ambições acadêmicas, pois o mercado de trabalho privado (fora das Universidades) tipicamente demanda habilidades em que outras escolas têm maior tradição. Nesse caso, o conhecimento da rotina de uma revista acadêmica é uma das mais fundamentais habilidades para o desenvolvimento profissional do corpo discente da escola, junto com uma sólida rede de contatos, e obviamente depois de uma aguçada capacidade de análise crítica de teorias e de evidência empírica. Não obstante isso, o número de estudantes que realmente aproveitam a oportunidade oferecida pelo IE, na forma da LEP, é mínimo.

Dessa curta reflexão, e da tese que defendo, de que o trunfo da revista é a formação de seus integrantes – não a disseminação de idéias acadêmicas, campo em que a concorrência necessariamente põe a LEP em desvantagem –, decorre um certo pessimismo, da minha parte, ao verificar que a muitos passam despercebidos os potenciais ganhos que decorrem da participação na revista. Por outro lado, como tem procurado ressaltar Humberto Bettini (ele mesmo ex-editor da Revista Formação Econômica, e atual doutorando do IE), outros canais de comunicação estão tomando o lugar das revistas tradicionais, e talvez os estudantes tenham direcionado os seus esforços a essas mais modernas e dinâmicas ferramentas.

Em todos os casos, no fim de 2009 a LEP assegurou a sua continuidade, ao menos no médio prazo, formando uma excepcional equipe de editores – destaque o sempre motivado Daniel Sampaio, com quem tenho me comunicado mais frequentemente – que tem sido capaz de superar os habituais percalços, e de levar adiante interessantes novos projetos de publicação, dos quais este relato é representante. A mensagem final, assim, é tripartite. Que o valioso ativo construído ao longo de quinze anos no IE continue a inspirar jovens acadêmicos sedentos por descobrir e questionar; que os atuais editores permaneçam firmes em seus inovadores projetos e sejam capazes de garantir a continuidade da revista; e que o corpo discente do Instituto embarque nessa onda e se abra cada vez para o sadio confronto das idéias. Boa sorte!